



Uma referência da nova geração

Por acaso você já escutou os discos dos Los Hermanos? Para quem gosta de música e letra, é tudo muito instigante. Extensas letras sentimentais com deslizamentos inteligentes entre o banal e o inesperado (“*tô voltando, não sei quando, pra roubar teu coração/ vou chegar no final de mais uma canção*”), outras experimentais, como *Cadê teu suín*, onde cada palavra se completa na próxima (“*cadê teu repi/ quem é teu padrinh/ onde é que tu toca...*”), outras non-sense, como *Cher Antoine*, saída do caderno de francês. Citei três canções do *Bloco do Eu Sozinho*. Os outros discos, *Los Hermanos (foto)* e *Ventura*, são tão bons quanto. As músicas estão à altura das letras. Uma das piores pragas que assolaram a música popular nos últimos anos foi o desequilíbrio entre letras “geniais” e composições medíocres. Los Hermanos escapam disso com uma música interessante, rock e MPB, onde cabe, além disso, praticamente tudo: valsas, marchas, ska, guitarras mexicanas etc., com modulações inesperadas, melodias que enganam o óbvio, mas que não soam difíceis, compassos diferentes do quaternário de sempre, boas e longas passagens instrumentais. Los Hermanos talvez sejam, com justiça, a grande referência de sua geração.

LEONARDO AVERSA



Versatilidade

Érika é uma artista versátil. O adjetivo não vale um décimo do substantivo, é claro. Érika toca, compõe, canta, desenha, pensa e cala. Ouvi seu disco, que registra um show realizado no seu quarto, na rua Abre Campo, no Santo Antônio, BH. Ela

O disco de Érika é precário e consistente ao mesmo tempo. É um disco-demo de suas composições, que vale plenamente como objeto artístico

sozinha com um violão e um gravador. A platéia não foi convidada. No encarte do disco, feito por ela, que é artista plástica, encontram-se estas informações e mais: desenhos do seu quarto, explicações caseiras sobre a produção, agradecimentos “aos inventores das máquinas, aos fabricantes de sorvete, aos motoristas de ônibus”. Ela me fez lembrar algumas coisas: o non-sense de Lúcio Tadeu, que, com Fernando Brant, ca(n)tou as pulgas do cine Pathé; Pato Fu e Nando Reis; a capa lembra e rima com as de Frank Zappa, com suas divertidas ironias. O disco de Érika é precário e consistente ao mesmo tempo. É um disco-demo de suas composições, que vale plenamente como objeto artístico. A faixa candidata a *hit* por enquanto é *Secador, Maçã e Lente*; muitos votos, porém, para *Copo de leite quente queima os dente da gente, principalmente os dente da frente*, estudo da prosódia gaúcha, digamos assim.

Bandoneón

Nada como a poesia da música sem palavras, apenas sons e artesanaria musical. Já faz dois anos que Rufo Herrera nos brindou com seu trabalho *Bandoneón*, junto à Orquestra Experimental da UFOP, por ele dirigida. Composições diversas de sua autoria, e outras de Bach, Piazzolla e Angel Villoldo, nos colocam imediatamente dentro dessa experiência singular que é a música. No encarte, muito bem escrito, ele relata seu reencontro com o instrumento, do qual é um virtuose, após anos de outras procuras, nos quais se dedicou principalmente à composição. Rufo domina com a mesma competência a escrita para orquestra. A música que resulta destes seus múltiplos dons é colorida e ao mesmo tempo concisa; às vezes densa e emocional, às vezes meditativa e lírica; de todo modo, expressiva. Possui, se não me engano, essa doce luminosidade outonal que no momento inunda a cidade.